

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CENTRO DE EDUCAÇÃO FÍSICA E DESPORTOS
DEPARTAMENTO DE GINÁSTICA**

VICTOR HUGGO MORAES DA CONCEIÇÃO

**A VISITA AO PARQUE DE AVENTURA DO CEFD COMO ESTRATÉGIA NO
ENSINO DAS PRÁTICAS CORPORAIS DE AVENTURA NA ESCOLA**

Vitória - ES

2025

VICTOR HUGGO MORAES DA CONCEIÇÃO

**A VISITA AO PARQUE DE AVENTURA DO CEFD COMO ESTRATÉGIA NO
ENSINO DAS PRÁTICAS CORPORAIS DE AVENTURA NA ESCOLA**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado
como requisito parcial para obtenção do título de
Licenciado em Educação Física, pela
Universidade Federal do Espírito Santo.
Orientadora: Dra. Ana Carolina Capellini Rigoni

Vitória - ES

2025

AGRADECIMENTOS

Começo esse relato agradecendo em primeiro lugar a Deus. Entre os acertos e desacertos da vida, ele trilhou meu caminho até o curso de Educação Física, que entre os altos e baixos do percurso me deu forças para concluir essa etapa da vida.

Agradeço imensamente a minha família, em especial minha mãe Maria Antonia de Lima Moraes, pois a mesma abdicou de tanto para sempre me incentivar a seguir o caminho dos estudos, apoiando em cada passo dessa jornada. Também tenho imensa gratidão ao meu irmão Thobias Moraes de Souza que foi um verdadeiro farol, me servindo de inspiração para sempre buscar a minha melhor versão, com o intuito de algum dia ser visto da mesma forma que eu o enxergo.

A Profª Drª Ana Carolina Capellini Rigoni e a Profª Drª Paula Cristina da Costa Silva pela oportunidade e confiança durante toda a minha trajetória como bolsista de extensão. Lugar esse que tive a honra de pôr em prática aquilo que havia aprendido em sala, como também aprender coisas novas ao interagir com os visitantes do Parque. Agradeço ainda mais pelos conselhos, orientações e broncas, pois certamente me moldou como finalista dessa graduação. Aos companheiros de monitoria fica minha sincera gratidão, pois tive a oportunidade de ter uma troca de experiências e conhecimentos significativos com vocês.

A equipe do CEFD como um todo, tanto o corpo docente, discente e os técnicos que fazem desse centro um lugar ímpar e de referência. Em especial a Adenilza Mota que estava sempre a disposição (e com paciência) para com as minhas solicitações de materiais e das chaves dos laboratórios.

Por fim, mas não menos importante, gostaria de expressar minha gratidão aos amigos e colegas que perpassaram durante esse processo árduo e conseguiram o tornar muito mais leve, em especial ao Caio Vinicius Oliveira Campos, Victor Caruzo, Igor Pereira Demuner, Nubia dos Santos Alves, Luz Régia Florinda Dias, Sarah Rodrigues Silva, Ana Carolina da Silva Cabral, Victor Souza Soares, Sâmara Sena Araújo Franca, Julia Silva de Oliveira e Raphaela Gomes Siqueira.

RESUMO

As Práticas Corporais de Aventura (PCA) vêm ganhando destaque no currículo da Educação Física, especialmente após sua inclusão na Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Contudo, a falta de espaços adequados, equipamentos e formação específica dos professores dificultam sua efetiva implementação nas escolas brasileiras. Como estratégia para superar essas barreiras, o Parque de Aventuras (PAv), implantado pelo Centro de Educação Física e Desporto (CEFD) da UFES, oferece um ambiente seguro e estruturado para que os alunos vivenciem práticas como arvorismo, tirolesa e escalada. Esta pesquisa qualitativa descritiva analisou a experiência de nove professores da Grande Vitória que levaram suas turmas ao PAv, investigando as dificuldades enfrentadas, os recursos disponíveis e os impactos dessas visitas no processo de ensino-aprendizagem das PCA. Os resultados indicam que, apesar da limitação na infraestrutura e formação, as visitas ao PAv proporcionaram vivências significativas, promovendo a integração entre teoria e prática e ampliando a compreensão dos alunos sobre a temática. O estudo destaca a importância de estratégias como as saídas pedagógicas e o apoio institucional para a efetiva incorporação das PCA nas aulas de Educação Física, contribuindo para a formação integral dos estudantes.

Palavras-chave: Práticas Corporais de Aventura, Educação Física escolar, saídas pedagógicas

ABSTRACT

Adventure Body Practices (ABPs) have been gaining prominence in the Physical Education curriculum, especially after their inclusion in the National Common Curricular Base (BNCC). However, the lack of adequate spaces, equipment, and specific teacher training hinders their effective implementation in Brazilian schools. As a strategy to overcome these barriers, the Adventure Park (APv), implemented by the Center for Physical Education and Sports (CEFD) at UFES, offers a safe and structured environment for students to experience activities such as tree climbing, ziplining, and rock climbing. This qualitative descriptive study analyzed the experiences of nine teachers from Greater Vitória who took their classes to the ABPs, investigating the challenges they faced, the resources available, and the impact of these visits on the teaching-learning process of ABPs. The results indicate that, despite limited infrastructure and training, the visits to the ABPs provided meaningful experiences,

promoting the integration of theory and practice and expanding students' understanding of the topic. The study highlights the importance of strategies such as educational outings and institutional support for the effective incorporation of PCA in Physical Education classes, contributing to the comprehensive development of students.

Keywords: Adventure Body Practices, School Physical Education, Educational Outings

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	1
2. OBJETIVO	5
2.1 Objetivos específicos	5
3. METODOLOGIA	5
4. O PROJETO DE EXTENSÃO DO PARQUE DE AVENTURAS DA UFES	6
5. O RISCO E AS PRÁTICAS CORPORAIS DE AVENTURA	7
6. A RELAÇÃO COM A NATUREZA E AS PRÁTICAS DE AVENTURA	8
7. AS PRÁTICAS CORPORAIS DE AVENTURA REPRESENTADAS NA BNCC	11
8. AS SAÍDAS PEDAGÓGICAS COMO ESTRATÉGIA DE ENSINO DAS PCA	14
9. DADOS DA PESQUISA	17
10. ALGUMAS REFLEXÕES SOBRE O TEMA	23
11. CONSIDERAÇÕES FINAIS	26
12. REFERÊNCIAS	28
13. APÊNDICE	32
Apêndice A - Roteiro estruturado para o questionário do <i>Google Docs</i> .	33

1. INTRODUÇÃO

A humanidade sempre se aventurou, seja com a finalidade de sobreviver, ou de facilitar o seu trabalho e, até mesmo, de se divertir. Podemos citar como exemplo os povos da pré-história que utilizaram técnicas básicas de escalada para conseguir alcançar as copas de árvores e/ou um terreno mais elevado, a fim de conseguir enxergar melhor o campo de caça e visualizar suas presas. Essas vivências, que continham altas doses de aventura, foram, ao longo do tempo, se aperfeiçoando e ganhando contornos esportivos. Mas foi somente nas últimas décadas que elas tiveram um crescimento e uma diversificação significativos, se espalhando ao redor do mundo e ganhando espaço no campo do lazer. Para além do lazer, elas foram apropriadas como esporte competitivo a ponto de algumas modalidades se tornarem olímpicas. Podemos destacar a adição de esportes desta vertente nas olimpíadas de verão de Tóquio, como o *skate*, *surf* e escalada, e agora, nas olimpíadas de Paris de 2024, o caiaque *cross*, *windsurfe* e o *kitesurf*.

A procura por estas práticas, denominadas de Práticas Corporais de Aventura (PCA), aumentou notoriamente nas últimas décadas e, um dos motivos principais parece ser a busca por experiências em ambientes naturais. O contato com a natureza tem sido cada vez mais demandado por uma sociedade que vive o stress urbano e a ansiedade do mundo produtivista e consumista. Diante desse fator, Paixão (2017) aponta que há estudos ressaltando que os praticantes de Aventura buscam a (re)aproximação com a natureza, nos tempos de lazer, visando a melhoria da qualidade de vida, substituindo os esportes de competição, rendimento e esforço pelas PCA, que produzem o sentimento de incerteza, risco e liberdade.

Neste texto, optamos por nos referir a estas modalidades como PCA, mas é necessário ressaltar que existem diversas nomenclaturas propostas pelos autores nos últimos anos, como por exemplo: esportes de aventura (Paixão 2017), esportes e atividades de lazer na natureza (Araújo, 2012), práticas corporais de aventura na natureza (Ferreira e Silva, 2020; Inácio et al., 2015), ou atividades físicas de aventura na natureza (Tahara e Carnicelli filho, 2009, Silva e Barcelos 2021, Betrán e Betrán 2016). Este debate sobre as nomenclaturas envolve a defesa dos autores sobre como as características destas práticas se articulam melhor com os termos por eles defendido. Mas, de modo geral, embora sem consenso, tratam-se daquelas práticas que envolvem algum tipo de risco controlado, que produzem sensação de aventura e, podem ser realizadas tanto na natureza como nos meios urbanos e geram emoções e sentimentos de diversas ordens: medo, euforia, ansiedade, alegria etc (Inácio, 2014, p. 531).

Apesar desta disputa no campo teórico, nesta pesquisa, utilizaremos o termo “Práticas Corporais de Aventura” (PCA), porque ele representa o conceito utilizado pela Educação Física (EF) brasileira para se referir aos seus conteúdos escolares (Práticas Corporais). O termo também foi escolhido porque é empregado na Base Nacional Comum Curricular (BNCC), uma vez que as PCA se tornaram um grande fenômeno da contemporaneidade. Por conta disso, elas passaram a ser integradas como unidade temática do documento na disciplina de Educação Física a partir do 6º ano do ensino fundamental.

Conforme o documento, a proposta é que os alunos explorem expressões e formas de experimentação corporal centradas nas perícias e proezas provocadas pelas situações de imprevisibilidade que se apresentam quando o praticante interage com um ambiente desafiador (Brasil, 2018). Assim, o aluno pode experimentar vivências presentes na Cultura Corporal do Movimento diferente das tradicionais, que vêm sendo utilizadas desde os primórdios da EF no ensino básico no Brasil. Desta forma, a EF cede espaço para diversas temáticas transversais que, por sua vez, possam subsidiar os alunos de vivências motoras diversificadas ao longo da educação básica, tais como questões relacionadas com o meio ambiente, a relação ser humano e natureza, questões culturais e de gênero, além de outras que podem ser abordadas com o auxílio com das PCA (Paixão, 2017).

Por todos estes fatores elencados, às PCA podem e devem ser trabalhadas nas aulas de EF, sendo também um conteúdo que detém várias vertentes e temáticas transversais a serem dialogadas e refletidas, para que após a vivência do conteúdo o aluno consiga ressignificar sua relação o meio ambiente e, além disso, possuir um pensamento crítico sobre atitudes que possam vir a preservar o mesmo. Entretanto, considerando também que as PCA sejam um tanto quanto inovadoras no cotidiano do currículo das escolas brasileiras, os docentes de EF acabam por encontrar um grande desafio por conta da falta de espaços e materiais apropriados para que as atividades sejam desenvolvidas, bem como esbarram no sentimento de insegurança por serem práticas que exigem o gerenciamento de risco. Tal insegurança, às vezes, ocorre pelo desconhecimento decorrente da ausência dessa temática na formação de professores (França, 2023, p. 15). Estes empecilhos acabam por dificultar o processo de ensino-aprendizagem desse conteúdo, o que torna difícil alcançar um ensino de qualidade nas escolas que não possuem um espaço apropriado para que a aula aconteça.

Contudo, vale ressaltar que talvez uma boa estratégia para superar os desafios citados acima seja levar os alunos para vivenciarem as PCA em outros espaços, como em ambientes fora da escola, minimizando as dificuldades que os professores possuem para trabalhar com estas práticas. Parece uma boa ideia estabelecer um vínculo educacional com espaços

distintos para essas aventuras, pois os mesmos conseguem fazer parcerias com locais fora do ambiente escolar, proporcionando saídas pedagógicas, levando os estudantes para as vivências em locais apropriados.

Alguns autores debatem como essas saídas para os espaços extraescolares podem favorecer o desenvolvimento da aprendizagem do aluno. Como afirma Bendinelli (2021, p. 55), essas saídas:

“[...]possibilitam, ainda, a exploração do espaço, identificando um cenário para além da transposição dos conceitos apreendidos em sala de aula, favorecendo a vivência de uma realidade para a (re)significação do saber científico e a valorização de processos de ensino-aprendizagem de modo mais democrático e participativo, pois, em campo, as intervenções no espaço são feitas em grupo”.

Além disso, estas experiências, que atravessam os muros escolares, podem ser compreendidas como uma estratégia metodológica para a apropriação do conhecimento e para o entendimento dos vínculos entre conceitos estudados e a realidade, pois propiciam ao aluno o comprometimento e a interação com situações reais (Pavini, 2013; Viveiro e Diniz, 2009).

Corroborando com as falas dos autores, vale destacar que esse tipo de abordagem pode garantir a apropriação dos objetivos metodológicos almejados em uma aula de EF, que são os conceituais, procedimentais e atitudinais. Estes aspectos ajudam a promover a autonomia do aluno após o término da escolarização formal, sendo esta autonomia facilitada a partir do momento em que o aluno conhece a importância das atividades físicas e os seus benefícios (Darido, 2012). Mas, para além disso, também podem ocorrer debates em relação a apropriação estética da experiência de aventura, como a correlação com o ambiente, a sensação de enfrentamento dos próprios medos e sensações de incerteza, além da apreciação dos equipamentos necessários para tais práticas.

Paixão (2017) disserta acerca desses objetivos metodológicos e como eles podem ser alcançados a partir das PCA, ele comenta que os alunos adquirem os objetivos conceituais quando conseguem relacionar a cultura histórico-artística presente na sociedade e no imaginário das pessoas. Enquanto o trato das dimensões atitudinais, o autor ressalta que são adquiridos quando os alunos ultrapassam os limites pessoais, como o medo de altura, a liderança, a autoconfiança, a timidez, assim o desenvolvimento de valores ganha destaque. Por fim, o autor ressalta que as abordagens procedimentais são fundamentais, pois a partir

dessas vivências técnicas os alunos estimulam a percepção sensorial e a utilização de vários grupos musculares importantes, aliados a uma boa comunicação entre todos os envolvidos.

Deste modo, pensando nas dificuldades acima apresentadas sobre as vivências acerca das PCAs, e partindo do pressuposto de que as saídas pedagógicas contribuem para a aprendizagem do aluno, o Centro de Educação Física e Desportos (CEFD), da Universidade Federal Do Espírito Santo (UFES) inaugurou, em março de 2022, o Parque de Aventura do CEFD (PAv), coordenado pela professora Ana Carolina Capellini Rigoni. O PAv é um equipamento de aventura composto por um circuito de arvorismo, uma tirolesa e um paredão de escalada. A partir de então, teve início o projeto de extensão, coordenado pela mesma professora, que tem como principal objetivo atender aos estudantes das escolas de ensino básico, de forma gratuita. Além disso, o projeto também oferece atendimento à própria comunidade acadêmica, atua com aulas práticas em algumas disciplinas do curso de licenciatura e bacharelado e, ainda, oferece cursos de Formação Continuada aos professores de EF das redes públicas.

No PAv, as experiências com as PCA são vividas a partir do contexto do lazer. Apesar de hoje já terem se tornado modalidades competitivas, em sua origem elas são práticas vinculadas aos tempos e espaços de lazer. Tais atividades, como aponta (França *et al* (2023), estimulam diversos benefícios relacionados a aspectos cooperativos, aprendizagens motoras, cognitivas, afetivas, culturais e socioemocionais; possibilitando o contato com a natureza; levando a mudanças de atitude e a comportamentos sustentáveis; bem como ajudam a desenvolver habilidades para a vida por meio da proposição e da resolução de situações-problema, além de terem um grande potencial de socialização, já que é uma forma de fortalecer laços interpessoais. As PCA também são uma forma alternativa de atividade que transcende os esportes tradicionais (Paixão, 2017).

Neste sentido, acreditamos que as vivências realizadas no PAv podem se configurar como importante estratégia de ensino-aprendizagem das PCA, bem como podem representar uma oportunidade única de crianças e jovens experimentarem estas práticas, que talvez não fossem experimentar se não fosse pela parceria entre a escola e a Universidade. Além disso, compreendemos que as experiências produzidas nessas visitas podem se configurar como uma estratégia pedagógica potente para as aulas de EF relacionadas às PCA. Esta vivência por ser completamente gratuita, é capaz de superar a crítica de Inácio *et al* (2016, p.175), que alertam para o fato de que alguns estudantes de escolas públicas, por vezes, não dispõem de recursos para arcar com os custos das saídas pedagógicas como (transporte, alimentação, taxas de entrada, taxas de empresas de aventura etc.). Por isso a presente pesquisa busca

analisar como tem sido a experiência dos professores que trazem suas turmas ao PAv. Algumas questões nortearam os objetivos, como: o que os professores acharam dessa experiência? Eles aproveitaram a vinda ao PAv para tratar o conteúdo das PCA em suas aulas? Como/se eles abordaram a ida ao PAv durante as aulas? A experiência da visita ao PAv vira assunto nas aulas de EF na escola? Diante dessas questões, buscamos, nesta pesquisa, compreender se e como as visitas ao PAv contribuem para o ensino das PCA na escola.

2. OBJETIVO

O objetivo desta pesquisa foi compreender e analisar como as visitas ao Parque de Aventura do CEFD podem influenciar e impactar as relações de ensino-aprendizagem das Práticas Corporais de Aventura dos alunos das escolas da Grande Vitória.

2.1 Objetivos específicos

- Analisar quais são as principais dificuldades dos professores de Educação Física para trabalhar com as PCA na escola;
- Verificar se os professores que visitaram o parque utilizaram esta atividade como estratégia de ensino das PCA em suas aulas na escola;
- Caso tenham utilizado, analisar como eles articularam a experiência ao ensino do conteúdo.

3. METODOLOGIA

A abordagem utilizada nesta pesquisa é qualitativa, de cunho descritivo, que tem como objetivo, principalmente, descrever as características de um grupo, evento ou fenômeno. Nesse sentido Raupp e Beuren (2006), ressaltam que os resultados obtidos com base em uma pesquisa desse cunho podem contribuir no sentido de identificar relações existentes entre as variáveis estudadas de determinado grupo. Thomas *et al* (2012, p. 293), comentam que as pesquisas de cunho descritivo são “um estudo do status, sendo amplamente utilizadas na educação e nas ciências comportamentais” e aquelas de cunho qualitativo são “realizadas principalmente em ambientes do cotidiano, como escolas, ginásios, instalações esportivas, academias e hospitais”.

A estratégia metodológica utilizada foi a elaboração de um questionário 1¹, através do *Google Forms*, no qual incluímos questões fechadas e abertas.

Os dados para o contato com os professores que responderam esse questionário foram adquiridos através dos formulários que os mesmos tiveram que preencher para a solicitação da visita ao PAv entre o período de 2024 a 2025. A primeira tentativa de conversa a fim de convidá-los a participar da pesquisa ocorreu com todos, que se deu através de *e-mail*, porém como não obtivemos retorno fizemos contato através do *WhatsApp*. Responderam ao questionário apenas 9 professores. As perguntas presentes na pesquisa foram idealizadas com o intuito de analisar, além da experiência no PAv, os fatos narrados pelos professores de EF em relação a como/se eles planejam suas aulas com a temática de aventura, se o local de trabalho é adequado, se possuem materiais específicos ou improvisam com o que tem, se a comunidade ao redor da escola possui parques e praças que podem complementar a vivência dos alunos.

4. O PROJETO DE EXTENSÃO DO PARQUE DE AVENTURAS DA UFES

A UFES, localizada na Região Metropolitana da Grande Vitória, é um centro universitário que se destaca muito nas áreas de pesquisa, ensino e extensão sendo referência na oferta de projetos a comunidade na região da Grande Vitória. Neste sentido, articulando de forma indissociável, ela tem buscado viabilizar a relação transformadora entre universidade e sociedade (Nunes; Silva, 2011). Segundo os autores a extensão universitária é um processo educativo, cultural e científico que viabiliza a relação entre universidade e sociedade, pois a universidade pública enquanto um espaço de criação e recriação de conhecimento deve ser acima de tudo acessível e, para tanto, a transformação social deve extrapolar os muros acadêmicos.

A UFES oferece vários tipos de ação que se destinam não apenas a comunidade acadêmica como também a comunidade externa, através dos projetos de extensão, que são ofertados pelos diversos cursos de graduação. Um dos centros que mais oferece atividades ligadas à extensão é o CEFD, tendo projetos ligados a diversas vertentes como atletismo, lutas, ginástica, tiro com arco, dança, natação e, recentemente, o incorporou a um projeto na área de aventuras o PAv.

O PAv possui um circuito de arvorismo que conta com 6 diferentes percursos, uma tirolesa que possui uma descida de 100 metros e um paredão de escalada do tipo *Top Hope*,

¹ O questionário está no apêndice da pesquisa

que funciona com a monitoria de estudantes dos cursos de EF, que através das bolsas de projeto de extensão e projetos especiais de apoio ao ensino, pesquisa e extensão (PaEPE), são selecionados e treinados para atenderem o público de forma adequada e segura.

O PAv possui parceria direta com as escolas da rede pública Vitória e região, que pode influenciar no processo de ensino e aprendizagem e na formação continuada dos professores. Essa troca de experiências corrobora com a fala de Larossa Bondía, (2002, p. 25) ao dizer que “a experiência é aquilo que “nos passa”, ou que nos toca, ou que nos acontece, e ao nos passar nos forma e nos transforma. Somente o sujeito da experiência está, portanto, aberto à sua própria transformação”.

A partir desta ideia sobre as experiências (que nos tocam, nos atravessam) acreditamos que a visita ao PAv potencializa a experiência em relação ao meio ambiente, tanto natural como urbano, o acesso e aprendizado sobre as modalidades de aventura oferecidas no projeto e o próprio processo de ensino planejado pelo professor de EF. Por isso, esta pesquisa busca questionar a experiência dos professores ao trazer suas turmas para vivenciar práticas relacionadas à aventura a partir do PAv.

5. O RISCO E AS PRÁTICAS CORPORAIS DE AVENTURA

Para analisarmos esse capítulo vamos retomar a introdução, pois desde os primórdios, a relação entre a humanidade, o perigo e o risco tem sido uma constante. O ser humano sempre conseguiu se adaptar ao ambiente, valendo-se do domínio corporal, da astúcia e de sua capacidade de gestão de riscos, sempre em interação com o ambiente ao seu redor.

Para Serrano (2009), a diferença dos conceitos de risco e perigo são interdependentes, pois para compreender um, precisamos do outro. Apesar do sentido de as palavras serem aparentemente semelhantes, cada uma delas tem sua especificidade. Podemos citar como exemplo o caso do voo livre. Ao contrário das aves, os seres humanos não são naturalmente capazes de voar, mas, mesmo assim, criamos uma modalidade que nos permite voar com asas artificiais. Esta habilidade, no entanto, requer um maior gerenciamento do risco. Por conta disso são utilizados equipamentos de segurança que tornam o voo possível, a partir da sustentação aerodinâmica que utiliza as correntes de ar ascendentes para se manter nas nuvens.

As duas modalidades mais praticadas de voo livre são a asa-delta e o parapente (Marinho, 2017). Apesar de ser uma atividade popular em nosso país, aquele que pratica essa modalidade acaba se expondo ao risco, mesmo ele sendo controlado, então podemos, a partir disso, afirmar que o perigo é algo constante e está presente a todo o momento. A ideia de Severino *et al* (2016), vai ao encontro dessa síntese, ao afirmar que o perigo não depende da pessoa, ele acaba por ser uma situação da qual não se tem controle, enquanto o risco pode ser mensurado e controlado em relação ao seu grau de exposição.

O risco, portanto, esteve sempre presente na vida humana e é uma característica essencial da aventura. Como afirmam Betrán e Betrán (2006), a aventura na natureza surge por sua imprevisibilidade do ambiente natural. Estas práticas são realizadas com apelo ao ócio ativo e ao lazer, mas sempre num ambiente de risco controlado. A BNCC também enfatiza essa característica ao afirmar que: “As práticas de aventura na natureza se caracterizam por explorar as incertezas que o ambiente físico cria para o praticante na geração da vertigem e do risco controlado” (Brasil, 2018, p. 218).

Podemos concluir que a relação da humanidade com a aventura e o risco não é apenas uma característica inata, mas como também um aprendizado acumulado ao longo das gerações. Esse conhecimento foi transmitido culturalmente, por meio de práticas e experiências em que os movimentos e as estratégias de sobrevivência foram necessários e aperfeiçoados para garantir uma gestão eficaz dos riscos. Como afirma Spink *et al.* (2002), o risco é uma forma de avaliar o perigo em relação à sua chance de acontecer, ou probabilidade de existir, ou da pessoa se expor, sempre num contexto de incerteza. Esse conhecimento foi transmitido não geneticamente, mas por meio de vivências com a natureza em seu dia a dia, nas quais os movimentos e as estratégias de sobrevivência foram fundamentais para garantir a evolução humana.

O gerenciamento do risco envolve a habilidade de reconhecer e responder a essas incertezas, utilizando-se de estratégias específicas para minimizá-las. Nesse sentido, Spink *et al.* (2004) ainda ressalta que os riscos podem ser gerenciados e minimizados por meio de estratégias como o uso de equipamentos de segurança, bem como pela experiência e treinamento de quem os enfrenta. Assim, ao longo da história, a humanidade desenvolveu técnicas e práticas que permitem não apenas sobreviver, mas também criar esportes que possuem uma relação direta com as PCA, prosperando assim em ambientes desafiadores, evidenciando uma contínua adaptação e domínio sobre o risco.

6. A RELAÇÃO COM A NATUREZA E AS PRÁTICAS DE AVENTURA

Além do risco, que já foi citado como uma das características das PCA, outro atributo fundamental delas é a presença constante de elementos naturais, tanto em ambientes urbanos quanto em locais pouco explorados pela humanidade. Afinal, todos esses espaços, sejam eles cidades ou áreas selvagens, fazem parte de um todo: o planeta Terra. Apesar de existir um pensamento de que o ser humano é alheio a natureza, é necessário superar essa visão negligente, na qual a natureza é considerada um “recurso comum”, ou seja, pertencendo a todos, ao mesmo tempo em que não pertence a ninguém (Marinho, Inácio; 2007). Nesse sentido, Severino *et al.* (2016) destacam que os elementos naturais incluem não apenas árvores, rios, mares e montanhas, mas também construções humanas como prédios, ruas, calçadas, carros e pessoas. Embora esses elementos coexistem, o autor também argumenta que a natureza, enquanto conceito, geralmente se opõe à cultura, ressaltando a distinção entre o ambiente urbano e o ambiente selvagem (Severino *et al.*, 2016, p. 113).

Ademais, os locais nos quais as PCA ocorrem podem ser distintos, destacando-se de acordo com o meio em que estão inseridas: aquáticos, terrestres ou aéreos. Como exemplo, a canoagem é uma prática aquática que pode ocorrer em diversos locais, como mares, lagos, rios e até piscinas, e requer materiais específicos, como caiaques, canoas e botes e do elemento principal que é a água. Outro exemplo é o "*caving*", que envolve a exploração de cavernas de diferentes tipos, empregando técnicas variadas e exigindo equipamentos como lanternas e outros dispositivos de iluminação para garantir a segurança dos praticantes. Por fim, o bungee jump é uma prática realizada em ambiente aéreo, caracterizada pelo salto em queda livre a partir de estruturas elevadas, como plataformas e pontes, utilizando cordas elásticas que evitam acidentes ao absorver o impacto da queda. Os exemplos citados acima vêm contemplar a ideia de classificação de Betrán e Betrán (1995), principalmente em relação ao entorno físico, ao entorno pessoal e as atividades em si.

Esses exemplos demonstram como as PCA se adaptam a diferentes contextos ambientais, requerendo técnicas e equipamentos específicos a depender do ambiente que está inserido, para garantir uma vivência segura ao mesmo tempo desafiante, utilizando como modelo a escalada, que pode ser feita tanto em rochas aparentes ou em rochas cobertas de gelo/neve. No primeiro caso, o praticante necessita de sapatilhas específicas para seu êxito, enquanto no segundo, nas paredes de gelo, precisa de botas com pontas de ferro e picaretas para se manter fixo. A diversidade de ambientes e modalidades não apenas evidencia a

riqueza dessas práticas, mas também ressalta a importância do conhecimento técnico e da preparação adequada para que as aventuras possam ser desfrutadas plenamente, com o devido controle dos riscos envolvidos.

Portanto, um dos aspectos que distinguem as PCA das práticas esportivas tradicionais, é que as PCA vão além de um esporte competitivo, como destacam Betrán e Betrán (2006), ao atribuir a essas atividades um caráter de exercício que não envolve necessariamente a vitória ou a derrota, mas sim uma conexão com o meio ambiente e o lazer. Essa visão enfatiza não apenas a aproximação com ambientes naturais, como também promove o cuidado com a natureza e o meio ambiente, onde questões como a preservação e a sustentabilidade ganham destaque.

De acordo com Pimentel (2013), às PCA se situam no âmbito do lazer e estão frequentemente relacionadas a ambientes imprevisíveis, fora das práticas culturalmente estabelecidas pela modernidade. Pela ausência de uma competitividade direta, outras questões tornam-se relevantes, como a educação ambiental, a relação dos praticantes com o lixo produzido, o impacto da industrialização e da globalização, e como esses fatores influenciam o acesso a essas vivências. Castillo-retamal (2020) comenta que

“os espaços naturais ganham grande importância para o desenvolvimento e ensino de temas ambientais, constituindo um espaço pedagógico ideal para compreender, aprofundar e refletir sobre as interações geradas na natureza e como as ações humanas geram grande instabilidade e, inclusive, perda da biodiversidade, o que afeta indubitavelmente a qualidade de vida e os recursos das futuras gerações e também das atuais”.

Esse fato acaba por acarretar, assim, reflexões e debates com que seus praticantes, tomando consciência em relação ao momento que estão inseridos, se aquela prática acaba por prejudicar de alguma forma o meio em que ela está inserida, e caso faça, quais são os cuidados adequados para que esses impactos sejam evitados, a fim de promover a continuação da atividade não só para um profissional da área, como também para pessoas queiram conhecer a atividade.

Outros autores como Jacobi (1998), por exemplo, buscam enfatizar que, tendo em vista a banalização dos locais e a produção de efeitos destrutivos e desagregadores dos meios social e natural, é necessário estarmos alertas ao discurso do desenvolvimento econômico, o qual, muitas vezes, é superior em valor ao papel essencial do espaço natural, conduzindo ao turismo predatório, que tem como visão a ideia de que o mais importante seria a execução da atividade, visando o lucro e deixando de lado todos os processos feitos até aquele momento.

Por fim, ainda em relação a natureza, quando bem conduzidas, essas práticas incentivam seus participantes a desenvolverem um pensamento crítico, voltado para o desenvolvimento sustentável, que visa satisfazer as necessidades da geração atual sem comprometer a capacidade das futuras gerações de atenderem às suas próprias necessidades. Esse princípio é baseado no "Relatório da Comissão Mundial sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento: Nosso Futuro Comum", publicado em 1987, que representou um consenso de 21 países em torno da importância de um futuro sustentável.

7. AS PRÁTICAS CORPORAIS DE AVENTURA REPRESENTADAS NA BNCC

Neste capítulo discutimos a importância de se trabalhar as PCA na educação básica, sendo necessária para a formação educacional de crianças, jovens e adultos. Além disso, buscamos sintetizar a forma como elas foram introduzidas na BNCC, a fim de legitimar sua vivência nas aulas de EF, dialogando com outros autores que trouxeram suas perspectivas em relação a esse tema.

As PCA começaram a ser incorporadas no documento a partir de 2015, durante um intenso debate sobre a educação brasileira, especialmente em relação à reformulação do currículo e ao novo ensino médio. Em 2018, com a publicação da nova BNCC, as PCA permaneceram incluídas como uma das unidades temáticas possíveis de serem trabalhadas na disciplina de Educação Física, especialmente nos ciclos 3 e 4, sendo esses ciclos representados como os anos finais do Ensino Fundamental, dentro da área de Linguagens (Brasil, 2018). Essa inclusão atende às recomendações dos componentes curriculares de proporcionar aos alunos vivências que vão além de seu cotidiano.

Nesse contexto, Inácio et al. (2016) destacam que as PCA se configuram como um conteúdo que contempla essa recomendação, ao inserir discussões sobre o meio ambiente e a sustentabilidade como eixos transversais (p. 171). Podendo assim enriquecer ainda mais as aulas, atingindo não só os objetivos específicos como os procedimentais, conceituais, mas também os atitudinais, visto que tais práticas corporais permitem que seu participante tenha um relacionamento mais intrínseco com o meio, e em como suas escolhas e atitudes modificam de modo significativo. Acarretando também uma conscientização em relação à educação ambiental, podendo assim transformar a forma como as escolhas e atitudes dos alunos podem modificar o meio em que estão inseridos.

Além disso, a inclusão das PCA reflete a necessidade de adaptar essas práticas ao cotidiano dos alunos e também ao entorno escolar. Isso também inclui o uso de espaços que

estão disponíveis ao redor do ambiente escolar como por exemplo: praças, parques municipais, áreas de lazer comunitário, associações de moradores e a própria escola, se referindo a escolas que se localizam em ambientes urbanos, pois remetendo as escolas de zona rural a realidade é diferente, já que estas possuem bastante espaços naturais.

Inácio et al. (2016) também comentam sobre a possibilidade de "saídas pedagógicas" como uma forma de apropriação adequada do conteúdo, afirmando que "de certa maneira, isto se repete em algumas publicações sobre o tema (Franco, 2008; Franco; Cavasini; Darido, 2014; Armbrust; Pereira, 2010), as quais propõem reproduzir as PCA tal e qual acontecem, em sua prática original. Eles ainda argumentam propostas que indicam as saídas da escola como uma alternativa à falta dos 'espaços desafiadores' na mesma" (p.175). O que permite apresentar aos alunos as possibilidades, e desafios, que seu local de moradia disponibiliza (ou não) para que tais práticas possam ser realizadas, produzindo, assim, um pensamento crítico em relação a como anda a gestão governamental em relação às implementações de políticas públicas destinadas a alcançar direitos fundamentais, como o acesso ao lazer e aos esportes.

Essa abordagem dialoga diretamente com a BNCC, que ressalta que as práticas corporais devem ser reconstruídas com base em sua função social e nas possibilidades materiais existentes. Por isso que essas práticas podem ser adaptadas e transformadas no contexto escolar. A BNCC (2018, p.219) utiliza as PCA como exemplo ao afirmar que "as práticas corporais de aventura devem ser adaptadas às condições da escola, ocorrendo de maneira simulada, tomando-se como referência o cenário de cada contexto escolar". Assim, fica evidente a importância de inserir as PCA de forma adaptada e contextualizada, promovendo vivências significativas que atendam às necessidades educativas e sociais dos alunos.

Para além disso, uma das características presentes da disciplina de EF é a forma como ela permite uma grande interação social, pois apesar de existirem modalidades em que sua vivência é primordialmente individual, como o atletismo, natação e tiro com arco, também tem as modalidades que precisam ser feitas de forma coletiva, como brincadeiras, esportes de quadra, apresentações de dança. Apesar dessas diferenças, no final todas acabam promovendo a interação social, seja de forma direta a exemplo dos participantes de uma brincadeira como "pique", ou indiretamente como exemplo os telespectadores de uma apresentação de ginástica.

Outrossim, as PCA conseguem atingir de forma significativa essa interação social, pois é sempre desejável que sua execução seja realizada de forma coletiva e nunca individual, por questões de segurança. Como bem afirma Inácio *et al* (2016, p.173), essa interação com o

outro, nos remete ao conceito de ‘alteridade’, pois além de percebermos e agirmos na interação com o outro, como também estabelecemos relações com os elementos da natureza. Isso possibilita uma relação mais harmônica entre o ser humano e o meio ambiente.

Essa unidade temática é introduzida para os alunos a partir do 6º ano do Ensino Fundamental, com foco primordial nas práticas de aventura urbanas. A expectativa é que os alunos explorem o ambiente urbano — a “paisagem de cimento” — para experimentar condições de vertigem e risco controlado, por meio de atividades como *parkour*, *skate*, patins e bicicleta (BNCC, 2018). Esse enfoque pretende ir ao encontro da realidade dos estudantes, muitos dos quais se deslocam até a escola utilizando *skates*, bicicletas ou percorrendo caminhos diferenciados, o que facilita a absorção desse conteúdo e o torna mais atrativo.

A partir do 8º ano, os alunos são introduzidos às práticas de aventura na natureza, caracterizadas pela exploração das incertezas que o ambiente natural impõe, gerando vertigem e risco controlado. Exemplos dessas práticas incluem corrida orientada, corrida de aventura, *mountain bike*, rapel, tirolesa e arvorismo (Brasil, 2018). Nesse contexto, a orientação para os professores é ampliar a percepção dos alunos para além do ambiente urbano, enxergando as práticas que são possíveis de serem feitas além de florestas, mares e céus. Essas atividades ainda permitem um distanciamento espaço-temporal das experiências do dia a dia, inclusive as sensoriais e motoras, ampliando as possibilidades de autoconhecimento e de mudanças de hábito em diversas dimensões, como asseguram Marinho et al (2007). Ademais, também se pode trabalhar a partir das relações entre as práticas urbanas e de natureza, suas semelhanças e suas diferenças, como por exemplo o surfe o *skate*, na qual ambos possuem o mesmo princípio de fazer manobras enquanto se equilibram em cima de uma prancha, onde o primeiro necessita de água e ondas para sua execução, enquanto o outro precisa de rampas e corrimões para garantir seu êxito.

Apesar das diferenças de contexto entre as práticas de aventura urbanas e na natureza, as habilidades a serem desenvolvidas pelos alunos, conforme delineado pela BNCC, permanecem consistentes. Elas incluem: vivenciar e apreciar práticas corporais de aventura urbanas, valorizando a segurança e a integridade física própria e dos demais; identificar e planejar estratégias para superar riscos, garantindo a segurança durante essas práticas; executar as práticas respeitando o patrimônio público e utilizando alternativas seguras em diferentes espaços; e, finalmente, reconhecer a origem e as características das práticas corporais de aventura, compreendendo os diferentes tipos de atividades, seus instrumentos, equipamentos de segurança, vestuário e organização, além de explorar as possibilidades de recreação dessas atividades. Verificar se é uma citação direta.

Autores como Betrán e Betrán (2006), salientam que tais atividades de aventura na natureza, como práticas constituintes do projeto da disciplina de EF, subsidiam novos padrões motores desenvolvidos em contato com a natureza, possibilitando diversos contextos ambientais, bem como proporcionar um entorno com altos níveis de incerteza motora, oportunizando a manifestação de diferentes situações emocionais em inúmeras circunstâncias (estresse, dificuldade, risco). Partindo dos estudos feitos pelos irmãos Betrán com relação às PCA, percebemos as possibilidades que podem ser aproveitadas a partir dessas vivências, que buscam sempre a formação de um ser humano sociável, crítico e autônomo, superando o lado individualista e passando a refletir mais coletivamente.

Marinho e Inácio (2007) também citam as contribuições que a EF traz a esse movimento de reencontro dos seres humanos com a natureza. Por fim, Marinho e Inácio (2007, p.63) ainda citam os objetivos educacionais do trato das PCA, sendo eles “tais atividades favorecem a conscientização e a sensibilização do aluno para com o meio natural e seus problemas, promovendo uma educação ambiental baseada no conhecimento das características dos ecossistemas utilizados, no contexto sociocultural a que pertencem [...] Tais atividades podem ser utilizadas para atingir uma variedade de objetivos educacionais, oportunizando diferentes níveis de desenvolvimento: coletivo (habilidades cooperativas e de comunicação), pessoal (autoestima), cognitivo (tomadas de decisão e resolução de problemas) e físico (aptidão e desenvolvimento de habilidades motoras).

Com isso, ficou evidente a importância da implementação das PCA como possível conteúdo a ser trabalhado nas aulas de EF, podendo ser realizado de diversas formas, tanto no chão da quadra de uma forma mais reduzida e segmentária, quanto como “saídas pedagógicas”, como forma de estratégia do professor com o intuito de poder proporcionar uma vivência mais específica da prática abordada no conteúdo.

8. AS SAÍDAS PEDAGÓGICAS COMO ESTRATÉGIA DE ENSINO DAS PCA

A Constituição Federal (CF) de 1988 dedica um capítulo à educação, sendo ela um dos exemplos dos direitos sociais, que tem como principal objetivo conseguir alcançar de forma íntegra os direitos relacionados à cidadania do povo brasileiro. Com isso, no capítulo 3º da CF está escrito no art. 205 que “a educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.” (Brasil, 1988). Seguindo essa ideia, a educação básica é uma ferramenta

fundamental para que as crianças e jovens do país possam se tornar seres humanos emancipados, críticos e que consigam se desenvolver de forma profissional com total autonomia.

Para que essas metas sejam atingidas, é prioridade do Estado garantir ao menos um espaço e materiais adequados para que os objetivos das aulas sejam atingidos. Entretanto, essa realidade citada ainda é bastante utópica visto que os professores de escolas públicas muitas vezes não conseguem dar suas aulas por falta de quadros, materiais didáticos, ventiladores, salas específicas, não muito distante da realidade dos professores de EF, que muitas vezes nem quadra poliesportiva têm em seu alcance, ficando a mercê de sua criatividade e um pátio, para que seus alunos consigam aprender de forma eficiente os conteúdos educacionais previstos na disciplina.

Quando se trata do conteúdo relacionado às PCA o assunto é um pouco mais delicado, pois além dos altos preços dos equipamentos necessários para que haja o gerenciamento de risco, existe ainda o fato de que muitas escolas do país não possuem área verde, como mostrou uma pesquisa feita em 2024 a qual aponta que mais de um terço das escolas (37,4% do total) não têm área verde no lote (Pedrassoli *et al* 2024). Portanto, oportunizar a seus alunos as vivências ligadas à natureza como um todo, pode se tornar um desafio árduo para esses profissionais, reforçando ainda mais o afastamento destas práticas.

Uma das formas de superar esse problema pode ser a partir de estratégias de ensino que se sobressaem aos métodos tradicionais, como as aulas de campo ou saídas pedagógicas. Um bom exemplo no contexto da EF pode ser a realização da modalidade de orientação em uma praça ou parque, onde os alunos consigam vivenciar a experiência concreta da atividade mesmo que em espaço reduzido; ou até mesmo uma aula de *surfe*/ou *bodyboarding* na praia (mesmo sem colocá-los na água), onde se experimentam as sensações diferentes que o próprio ambiente pode proporcionar, como a maresia, a distorção de equilíbrio que as correntes de ar dão, observar como os praticantes da modalidade apreciam a presença daquele momento e até mesmo experienciar a água.

Corroborando com as falas citadas, Bendinelli et al (2021), comentam que a aula de campo é como um espaço de formação, enfatizando sua contribuição para o trabalho com as questões que ultrapassam os muros da escola, possibilitando ao professor o desenvolvimento de seu papel social, político e cultural nos processos de formação humana. Além disso, o autor menciona que tal metodologia pedagógica pode proporcionar ao aluno um aprendizado crítico, dinâmico e transformador a partir da compreensão da realidade na qual está inserida

As saídas pedagógicas possuem um forte potencial para trabalhar os conteúdos da EF de forma transversal, abordando temas cotidianos como questões sociais, de gênero, de raça e principalmente as questões relacionadas à Educação ambiental. Pelo acesso às experiências concretas, as saídas pedagógicas se tornam uma abordagem fundamental nas aulas, pois não só proporciona uma prática diferenciada, como também corrobora com a educação para o lazer, os usos do tempo livre e o direito à cidade.

Castillio-Retamal (2020) comenta que essa ação dialógica permitiria a ressignificação e a recontextualização dos processos pedagógicos e investigativos, assim como a reconfiguração do sentido dos mesmos, potencializando o desenvolvimento das concepções dos alunos em relação a suas ações perante ao ambiente. Compreender a partir da realidade concreta que uma embalagem descartada no chão pode se tornar milhares de embalagens acumuladas pode ser mais educativo do que muitas aulas em sala. Mais à frente, o mesmo autor também descreve que a natureza, em sua expressão mais íntima, pode se tornar um dos espaços pedagógicos bastante poderoso para esclarecer conceitos de toda ordem, desde os referentes ao meio ambiente até posturas filosóficas (Castillio-Retamal, 2020).

Por fim, apesar de o Estado ser o principal agente na garantia da cidadania e acesso à educação, o papel da sociedade também é fundamental. Por isso, a educação que é fomentada nos espaços escolares deve ser expressada também fora dos muros da escola, pois permite, como afirma Castillo-Retamal (2020, p.54), a participação ativa e comprometida de todos os atores sociais, e estes, por sua vez, impregnam suas ações de sentido político, entendendo-se como "ser social" no que diz respeito ao cuidado e à proteção ambiental.

Considerando os argumentos apontados, as saídas pedagógicas aparecem como uma abordagem eficaz a ser debatida, difundida e aplicada, com o intuito de superar as problemáticas vividas na escola. Para isso, se torna necessário a intervenção dos professores de EF ao implementar os conteúdos das PCA, para que possam, além de atingir os objetivos conceituais, consigam garantir os aspectos procedimentais, e com isso contemplar os atitudinais de forma significativa. Acreditamos que uma das possibilidades dos professores de EF conseguirem tratar os temas das PCA de forma mais completa é levar os alunos para fora da escola. Neste sentido, o PAv é uma opção concreta e acessível.

9. DADOS DA PESQUISA

Neste tópico, vamos apresentar os professores que participaram da pesquisa. Para isso, é importante informar que, apesar de nossos esforços em fazer contato e convidar os professores que visitaram o PAv para participar da pesquisa, apenas 9 professores

responderam ao questionário. Apresentamos, a seguir, as respostas, organizadas em três partes: a primeira é destinada a informações relacionadas a formação e atuação dos professores de EF, a segunda versa acerca dos conteúdos e materiais que trabalham em suas aulas, bem como sua relação com as PCA e; a terceira dedicamos as respostas que têm relação direta com a visita ao PAV e o que estes professores relatam sobre essa experiência. Vale ressaltar que os nomes utilizados a seguir são fictícios, para garantir o anonimato dos participantes.

Marcela é uma mulher, que tem entre 40 a 49 anos de idade. Ela se formou na UFES e, atualmente, dá aula para o ensino fundamental numa escola do município de Vitória. A professora relata que, durante a graduação, as vivências práticas estiveram centradas nos esportes tradicionais e no atletismo. Segundo ela, não pode vivenciar nenhuma atividade ligada à aventura. Quando questionada a respeito dos conteúdos que ela aborda em suas aulas, Marcela afirma que são os *Jogos, brincadeiras, esportes, arvorismo e slackline, ginástica e danças*. Em relação aos materiais, ela diz que tem, disponíveis na escola, são bolas, jogos, slackline, colchonetes e material para ginástica e circuito.

Em relação às PCA, a professora afirma já ter trabalhado, antes de visitar o PAV, o arvorismo, de forma adaptada (utilizando cordas) e o slackline. Marcela afirma ter utilizado a área verde, ao lado da escola, para vivenciar estas práticas e outras, como, por exemplo, circuito de obstáculos. Quando questionada sobre suas principais dificuldades para abordar o tema, ela comenta que com esta escola (a qual ela trouxe para visitar o parque) ela tem menos dificuldades, já que ela está localizada *dentro do campus da UFES e por isso, tem muito espaço e áreas verdes*. No entanto, em outra *escola que trabalha, não há espaço para montar o slackline e fazer o arvorismo*. Ela comenta que, mesmo na escola dentro da UFES, que tem suas vantagens, *sair com todas as turmas de dentro da escola a fim de vivenciar as experiências da temática é bem complicado*.

Ao ser questionada se sentia confiança para ministrar a temática e elaborar vivências práticas, ela respondeu que sente falta de uma formação mais adequada. Segundo ela: *Gostaria de ter formação, trabalho o mínimo que aprendi pesquisando e levando os alunos ao centro de aventura*² Quando questionada se ela considera a falta de estrutura física uma barreira ao trato dos conteúdos das PCA, ela afirma que sim e complementa: *não tem espaço para montar o slackline e não tem árvores para vivenciar o mínimo, e muitas não têm nem fácil acesso ao parque*.

² a professora se refere ao PAV

O terceiro bloco de perguntas, possui o objetivo de analisar os impactos em relação a visita dos seus alunos ao PAv. Segundo a professora, *a vivência foi uma experiência única para eles, até os alunos com o Transtorno do Espectro Autista (TEA), fizeram as atividades, mesmo com dificuldades não desistiram*. Ao ser questionada se acredita ser possível trabalhar com as PCA em ambientes extraescolares como praças, bosques, praias, pistas de *skate*. etc., a professora responde: que sim, porém complementa que é necessário um bom planejamento com a equipe escolar, que precisa ter disposição para sair com os alunos.

Ariel, que tem entre 40 a 49 anos e preferiu não informar o gênero. Se formou na UFES, dá aula para o ensino fundamental dos municípios de Cariacica e Vitória. Ariel relata que, durante a graduação, as vivências práticas foram centradas na ginástica, dança, atletismo, futebol e voleibol e que não pôde vivenciar nenhuma atividade ligada à aventura. Quando questionado sobre os conteúdos que aborda em suas aulas, Ariel responde que trabalha *ginástica, dança e música*. Em relação aos materiais que a escola disponibiliza, a resposta é que possui poucas bolas e cordas.

Ariel afirma não ter abordado a temática do PCA antes de visitar o parque. Quando perguntado sobre as principais dificuldades em abordar o tema, o mesmo responde que são a falta de segurança e estrutura, o que torna um desafio árduo para que os conhecimentos sobre as PCA sejam contemplados.

analisando a relação aos impactos da visita dos seus alunos ao PAv, Ariel respondeu que o objetivo da visita foi por ter feito uma disciplina no Mestrado que lhe motivou e que foi *espetacular e inesquecível para ele*. Ao ser questionado se acredita ser possível trabalhar com as PCA em ambientes extraescolares como praças, bosques, praias, pistas de *skate*, etc., o mesmo responde que sim, mas acredita ser desafiador.

Patrícia é uma mulher que tem entre 30 a 39 anos, ela se formou na faculdade CLARETIANO, dá aula para o ensino fundamental e ensino médio numa escola do município de Afonso Cláudio. A professora relata que, durante a graduação, as vivências práticas foram arvorismo e escalada, informando que foi possível vivenciar atividades relacionadas à aventura. Quando questionada a respeito dos conteúdos que ela aborda em suas aulas, Patrícia afirma que são *os esportes, jogos e brincadeiras, práticas corporais, danças e os conteúdos propostos no currículo*. Em relação aos materiais, ela diz que tem, disponíveis na escola, bolas, cones, bambolês, *slackline*, cordas e boliche.

Em relação às PCA, a professora afirma já ter trabalhado, antes de visitar o PAv. Quando questionada sobre suas principais dificuldades para abordar o tema, ela comenta que a falta de *um ambiente seguro e adequado impossibilita a prática*. Em seguida, foi

perguntado se há confiança em ministrar e aplicar a temática e Patrícia respondeu: *sim, pois procuro me aperfeiçoar na temática constantemente.*

Quanto aos impactos em relação a visita dos seus alunos ao PAv, a professora responde que o objetivo da visita foi *para os alunos terem a oportunidade de vivenciar na prática o que se foi estudado nas aulas teóricas, consolidando de forma eficaz o aprendizado* e comenta que foi uma *Experiência única e maravilhosa, com grande proveito e aprendizado.* Ao ser questionada se acredita ser possível trabalhar com as PCA em ambientes extraescolares como praças, bosques, praias, pistas de *skate*, etc., a professora respondeu: *dependendo da estrutura do ambiente em que a escola está inserida, sim.*

Gabriela é uma mulher que tem entre 40 a 49 anos, ela se formou na UFES, ministra aula para o ensino fundamental de uma escola do município de Vitória. A professora relata que, durante a graduação, as vivências práticas foram dança, ginástica, natação, judô, futebol, voleibol. Segunda ela, não pode vivenciar nenhuma atividade ligada à aventura. Quando questionada a respeito dos conteúdos que ela aborda em suas aulas, Gabriela afirma que são *dança, ginástica, luta, voleibol, futsal, basquete e atletismo.* Ela afirma que até tem materiais disponíveis na escola, para as suas aulas, entretanto afirma que poderia melhorar em relação a qualidade e quantidade.

A professora afirma já ter trabalhado com as PCA, antes de visitar o PAv, e afirma que a visita fez parte do evento de culminância com relação ao tema. Quando questionada sobre suas principais dificuldades para abordar o tema, ela comenta que é preciso *fazer adaptações nas formas de vivenciar os movimentos com a estrutura da escola.* Acrescentando também que é cobrada a segurança e a integridade física do aluno, por isso *adaptações precisam ser realizadas para que o educando possa experimentar as sensações, os movimentos, mas com total segurança.* Ao ser questionada se sentia confiança para ministrar a temática e elaborar vivências práticas, a mesma respondeu: *É possível aplicar dentro da possibilidade do aluno, sem correr risco. Pois a técnica correta para executar o movimento com segurança, requer mais formações, estrutura e equipamentos de segurança.*

Quando perguntada sobre os impactos em relação a visita dos seus alunos ao PAv, a professora afirma que o objetivo da visita foi *para que eles sentissem as sensações das práticas, com alturas consideradas e de uma forma segura. Eles aprenderam sobre as práticas e os equipamentos através de fotos, vídeos, mas não ao vivo. E a ida ao parque proporcionaria a oportunidade de culminância do projeto de forma marcante e significativa para os alunos.* Além disso, comenta ainda que *foi sensacional, inesquecível para eles. Muitos nunca praticaram os esportes de aventura. Foi uma oportunidade de produção de*

conhecimento e de vivência corporal riquíssima e significativa. Ao ser questionada se acredita ser possível trabalhar com as PCA em ambientes extraescolares como praças, bosques, praias, pistas de *skate*, etc., Gabriela comenta: *É possível, mas precisaria de equipamentos e formação para essa prática.*

João é um homem que tem entre 30 a 39 anos, ele se formou na Universidade de Vila Velha, dá aula para o ensino fundamental e médio do município de Cariacica. O professor relata que, durante a graduação, as vivências práticas foram atividades relacionadas aos jogos e brincadeiras, informando ainda que vivenciou atividades relacionadas à aventura através das disciplinas de esporte de aventura 1 e 2. Quando questionado a respeito dos conteúdos que ele aborda em suas aulas, João afirma que são trabalhados *os conteúdos curriculares seguindo as normas da BNCC*. Em relação aos materiais, ele diz que possui, pois a escola atende de acordo com a necessidade das aulas.

Em relação às PCA, o professor afirma já ter trabalhado, antes de visitar o PAv. Quando questionado sobre suas principais dificuldades para abordar o tema, ele fala sobre a falta de espaço e de materiais, também comenta que *poucas escolas conseguem oferecer devido às estruturas*. Em seguida, lhe foi perguntado se há confiança em ministrar e aplicar a temática, respondendo que *sim, vivência prática e teórica*.

Ao analisar os impactos em relação à visita dos seus alunos ao PAv, o professor relata que o objetivo da visita foi *a fim de realizar a vivência em espaço aberto e fora do espaço escolar*". Além disso, comenta que: *foi um momento onde pudemos colocar a teoria em prática*. Ao ser questionado se acredita ser possível trabalhar com as PCA em ambientes extraescolares como praças, bosques, praias, pistas de *skate*, etc., João comenta que sim e reforça afirmando: *com certeza, momentos que poderemos trazer os alunos para novos espaços e novas orientações*.

Vinicius é um homem que está na faixa de 50 anos, se formou na UFES e ministra, atualmente, aula para o ensino fundamental do município de Vitória. O professor relata que, durante a graduação, as vivências estavam relacionadas aos *desportos de quadra, campo, danças, natação, recreação, dentre outros*. Segundo ele, não pode vivenciar nenhuma atividade ligada à aventura. Quando questionado a respeito dos conteúdos que ele aborda em suas aulas, Vinicius afirma que são trabalhados *todos conforme as Diretrizes Curriculares da Prefeitura Municipal de Vitória*. Ele afirma possuir materiais para as aulas, que são bolas de diversas modalidades de quadra, cordas, instrumentos de percussão, xadrez, dama.

Em relação às PCA, o professor afirma já ter trabalhado, antes de visitar o PAv. Quando questionado sobre suas principais dificuldades para abordar o tema, foi destacado o

motivo da *falta de materiais específicos para prática, principalmente de segurança, espaço físico adequado, entender melhor o esporte e sua aplicabilidade na escola*. Em seguida, foi perguntado se há confiança em ministrar e aplicar a temática, ao que ele respondeu: *o conhecimento específico das PCA requer uma qualificação e equipamentos, porém as adaptações de modalidades como o "Slackline", são uma forma de apresentar a modalidade aos estudantes*.

Em relação aos impactos da visita dos seus alunos ao PAv, ele diz que o objetivo foi *vivenciarem práticas corporais desafiadoras, novas, esportes diferentes dos vividos até o momento na escola*. Ao ser questionado se acredita ser possível trabalhar com as PCA em ambientes extraescolares como praças, bosques, praias, pistas de *skate*, etc., Vinícius comenta que sim, mas não desenvolve a resposta.

Lorena é uma mulher que tem entre 40 a 49 anos, se formou no Centro Universitário São Camilo e está ministrando aulas para o ensino fundamental do município de Guarapari. A professora relata que, durante a graduação, não vivenciou nenhuma aula prática. Segundo ela, também não pode vivenciar nenhuma atividade ligada à aventura. Quando questionada a respeito dos conteúdos que ela aborda em suas aulas, Lorena afirma que são trabalhados *todos que estão na BNCC: Danças, lutas, ginástica, esportes, práticas corporais de aventura e jogos e brincadeiras*. Em relação aos materiais, ela diz que não possui materiais adequados para as suas aulas.

Sobre as PCA, a professora afirma já ter trabalhado, antes de visitar o PAv. Quando questionada sobre suas principais dificuldades para abordar o tema, foi destacado *a falta de materiais e espaços adequados para as práticas*. Sobre haver ou não confiança para ministrar e aplicar a temática, ela respondeu: *Estou sempre buscando conhecimento em relação às PCAs, inclusive o tema da minha dissertação no mestrado foi sobre pessoas com deficiência e PCAs. Todos os anos que trabalho as PCAs na escola surgem novos desafios e novas aprendizagens*. Ela ainda complementa que *temos que ter muita criatividade e muitas vezes comprar os materiais com nosso próprio dinheiro. E é claro que isso desestimula e faz com que muitos profissionais deixem de trabalhar este conteúdo em suas aulas*.

Em relação aos impactos da visita dos seus alunos ao PAv ela afirma que o objetivo foi de *proporcionar aos alunos experiências que dentro de uma escola pública municipal seria inviável, pois não temos recursos e locais para realizar tais vivências*. Além disso, comenta ainda que *foi uma espécie de culminância de um projeto interdisciplinar com o componente curricular de arte, o qual denominamos de "Aventura, corpo e arte: Explorando o movimento e a expressão"*. Ao ser questionada se acredita ser possível trabalhar com as

PCA em ambientes extraescolares como praças, bosques, praias, pistas de *skate*, etc., Lorena comenta que *sim, com planejamento estratégico*.

Maria é uma mulher que tem entre 40 a 49 anos, e se formou na UFES, ministrando atualmente aula para o ensino fundamental do município de Vitória. A professora relata que, durante a graduação, as vivências práticas estiveram centradas nos esportes tradicionais e na ginástica. Segundo ela, não pode vivenciar nenhuma atividade ligada à aventura. Quando questionada a respeito dos conteúdos que ela aborda em suas aulas, Maria afirma que são trabalhados *todos dos 7º eixos do currículo de Vitória*. Ela afirma que não possui materiais adequados para as suas aulas, sendo a maioria bolas, cordas, arcos, um trampolim, além de possuir alguns colchonetes e tatames.

Em relação às PCA, a professora afirma já ter trabalhado, antes de visitar o PAv. Quando questionada sobre suas principais dificuldades para abordar o tema, ela destaca que foi difícil *adaptar os dois espaços e materiais para a vivência corporal*, ainda complementa que a falta de espaço é um desafio grande pois *atrapalha muito. Porque interfere na qualidade do exercício proposto e na motivação para o aluno realizar a prática corporal. E também não garante muita segurança para os estudantes*. Em seguida, foi perguntado se possuía confiança em ministrar e aplicar a temática e ela respondeu: *Eu me sinto parcialmente preparada porque todo conhecimento que eu tenho eu busquei por conta própria*.

Sobre os impactos em relação a visita dos seus alunos ao PAv, ela diz que o objetivo foi *ter a experiência de forma segura*, além disso, comenta ainda que a ida foi *como culminância das atividades de ensino do tema Esporte de Aventura*. Ao ser questionada se acredita ser possível trabalhar com as PCA em ambientes extraescolares como praças, bosques, praias, pistas de *skate*, etc., Maria comenta que *não. Devido ao risco de acidentes com os alunos*.

Sofia é uma mulher que tem entre 30 a 39 anos, e se formou na UFES. Atualmente dá aula para o ensino fundamental e médio do município de Vila Velha. A professora relata que, durante a graduação, as práticas estavam centradas nos esportes tradicionais; na ginástica; nos Jogos e brincadeiras; nas danças; e no atletismo. Segundo ela, pode também vivenciar algumas atividades ligadas às PCA, como *skate, parkour, slackline* e corrida de orientação. Quando questionada a respeito dos conteúdos que ela aborda em suas aulas, Sofia afirma que são trabalhados *Jogos, ginásticas, lutas, esportes, danças e práticas corporais de aventura*. Ela diz que possui materiais adequados para as suas aulas, sendo a maioria bolas, tatames,

colchonetes, *slackline*, *skates*, cones, corda, *mini jump*, bambolês, materiais de atletismo e bastões.

Em relação às PCA, a professora afirma já ter trabalhado, antes de visitar o PAv. Quando questionada sobre suas principais dificuldades para abordar o tema, foi destacado a falta de *recursos materiais específicos e habilidades técnicas específicas*. Ainda complementa que a falta de espaço é um desafio grande, *pois a depender da prática de aventura, a falta de estrutura põe os alunos em risco*. Ao ser questionada se há confiança em ministrar e aplicar a temática, ela respondeu: *sinto-me preparada para apresentar o tema das PCA e proporcionar vivências simples de algumas práticas*.

Ao analisar os impactos em relação a visita dos seus alunos ao PAv. A professora comenta que o objetivo da visita foi *ter a possibilidade de conhecer, vivenciar e curtir as práticas de arvorismo, tirolesa e escalada, que fazem parte do que tematizamos sobre o que são as PCA.*” e que “*Utilizando como exemplo do que aprendemos sobre as PCAs na escola. Principalmente as sensações e emoções geradas nas PCA e os recursos técnicos necessários para lidar com os riscos apresentados*. Além disso, comenta ainda que a ida *foi maravilhosa. Todas e todos puderam participar, comentar, envolver-se, assistir os demais, perder o medo e se divertir. Foi um tempo do grupo se encontrar em outros espaços para além da escola e conhecer práticas diferentes das costumeiras*. Ao ser questionada se acredita ser possível trabalhar com as PCA em ambientes extraescolares como praças, bosques, praias, pistas de skate, etc. Sofia comenta que *sim, com toda certeza. O problema é a segurança requerida tanto no ambiente (praças são públicas, por exemplo) e dos materiais (levar os materiais, tempo de organizar tudo e auxiliar tecnicamente todos os alunos individualmente)*.

10. ALGUMAS REFLEXÕES SOBRE O TEMA

Analisando as respostas em conjunto desses 9 professores, nós podemos perceber algumas coisas que chamam a atenção. Primeiro no que diz respeito a idade e gênero, visto que a maioria das visitas que ocorreram no PAv foi realizada por professoras, que possuem entre 40 e 49 anos. Outro fator de destaque diz respeito à formação acadêmica, sendo que a maioria se formou em uma instituição federal, sendo 6 no total. A maioria dos atendimentos realizados foram referentes às escolas localizadas na região da Grande Vitória. Apenas uma se localiza na região serrana do estado, o que nos faz refletir sobre o acesso a ambientes que são capazes de proporcionar essas atividades. A maioria das escolas se localiza em grandes

centros urbanos, ficando a certo distanciamento em relação à população rural. Outro fato a ser destacado é que 7 escolas que visitaram o parque são do ensino fundamental, enquanto 2 escolas são do ensino médio. Isso vai ao encontro do que preconiza a BNCC, que recomenda que essas práticas sejam introduzidas a partir dessa faixa etária, apesar de também serem recomendadas para o ensino médio.

Assim como já apontamos na revisão bibliográfica, sobre as dificuldades dos cursos de EF abordarem às PCA, Inácio *et al* (2016), também afirma que é um desafio implementar estas práticas nas instituições de ensino superior. Vale refletir que esses desafios podem ter relação com o perfil profissional que os centros universitários pretendem formar, visto que eles possuem autonomia para planejar e formular seu projeto político pedagógico e assim modificar o currículo acadêmico. Embora as disciplinas variem de acordo com as instituições de ensino, todas seguem as diretrizes do Ministério da Educação (MEC), havendo entre elas as disciplinas relacionadas aos fundamentos biológicos e da saúde, ciência do movimento humano, práticas e modalidades esportivas, entretanto muitas acabam não incluindo as PCA. Essa reflexão vai ao encontro das respostas dos professores quando questionados sobre quais atividades vivenciaram durante a formação inicial. A maioria deles cita que foram as práticas tradicionais. Apenas Patrícia, Sófia e João afirmam ter experimentado alguma atividade de aventura, sendo João o único a citar que participou de disciplinas relacionadas ao tema.

Apesar de muitos afirmarem que não experienciaram atividades relacionadas a essas práticas, 8 deles também mencionam que haviam trabalhado com a temática em suas aulas antes de virem ao PAV, o que pode se esperar que a maioria dos alunos possuíam algum conhecimento em relação às PCA. Já quando perguntados em relação aos materiais disponibilizados, 5 dos 9 professores relataram possuir materiais para as aulas de EF. Foram citados o uso de bolas de diversas modalidades, cordas, xadrez, materiais para circuito, trampolim, tatames e colchonetes. Em relação a equipamentos referentes às PCA, apenas 3 professores citaram o *slackline* e mais nenhum material.

Com relação às dificuldades que possuem ao abordar o conteúdo, todos destacaram a falta de estrutura como o principal fator, como comenta Patrícia (*a falta de um ambiente seguro e adequado impossibilita a prática*). Se, por um lado, isso é um fator limitante, por outro, como sugere Severino et al (2016), pode vir a promover o senso de criatividade dos professores, que acabam desenvolvendo um olhar diferente em relação ao ambiente da escola. Uma rampa de acesso, uma escada, o muro da escola e as árvores podem se tornar obstáculos naturais. Vale aqui uma reflexão acerca da forma como os professores precisam ter um senso de criatividade elevado a fim de superar as dificuldades para inserir as PCA, visto que é de

responsabilidade da gestão escolar proporcionar um investimento de qualidade a fim de suprir, mesmo que minimamente, as necessidades das aulas.

Também é interessante mencionar uma espécie de contradição nas respostas sobre a existência de materiais suficientes ou não. Da mesma forma que a maioria afirmou haver disponibilidade de materiais, quando questionados sobre os desafios de trabalhar com as PCA, a maioria deles relata a falta de material/equipamento específico para a realização das práticas com segurança. Isso nos leva a refletir que estes professores estão tão acostumados a pensar apenas nas práticas tradicionais, que quando questionados sobre material, pensam em bolas, arcos, e coisas mais comuns na escola. Por isso, vale questionar se após a inclusão das PCA na BNCC, houve incentivo e compra de materiais que apoiem as atividades dos professores. Compreendemos que não basta incorporar os conteúdos nos documentos oficiais, sem oferecer condições concretas para que estas se materializem nas aulas. Por conta da falta de incentivo, alguns professores acabam por gastar do próprio bolso para conseguir desenvolver alguma atividade, como é o caso de Lorena.

Por fim, 6 professores apontaram a falta de conhecimento específico em relação à temática. Apesar da ausência de formação inicial ou continuada, os professores relatam que, individualmente, estão sempre buscando estudar e aprender o mínimo para conseguir proporcionar algumas vivências de PCA aos alunos. Isso deixa evidente a importância da formação na multiplicação destes conteúdos. Podemos citar o currículo da Licenciatura em EF da UFES que até hoje, 2025, não oferece uma disciplina específica ou que possui relação sobre as PCA.

Essa falta de formação maximiza a sensação de insegurança dos professores, que sabem que as PCA envolvem a necessidade de gerir os riscos, como também pode ser responsável pela falta de preparo para tratar as diversas temáticas que atravessam as PCA, como a educação ambiental, as questões econômicas, éticas, a saúde e a cidadania.

Em relação aos objetivos dos professores ao levarem seus alunos para visitar o PAV, a maioria respondeu que foi com a finalidade de relacionar a teoria com a prática, já que, anteriormente, haviam trabalhado com os conceitos em aula. Além disso, desejavam proporcionar aos alunos as diferentes sensações que as PCA podem promover. Por fim, 3 professores mencionaram que a ida ao PAV serviu como um evento de culminância da disciplina, trabalhando também em interdisciplinaridade com outras disciplinas.

Acerca de como foi a experiência da visita ao PAV, todos acharam importante, pois acarretou em uma produção de conhecimento corporal rica e significativa, como comenta a professora Sofia ao afirmar que eles puderam experimentar espaços além dos cotidianos. Há

também falas relacionadas à prática da inclusão, pois o parque também atendeu alunos com TEA, como vemos no relato da professora Marcela que afirma que mesmo com dificuldade estes alunos não desistiram e foram incentivados a terminar o percurso pelos outros colegas de classe. Alguns relatam ainda que muitos alunos nunca haviam praticado, apenas tinham o conhecimento da existência da modalidade, o que gerou não apenas um entusiasmo e um aprofundamento em relação ao tema como ainda proporcionou uma ressignificação das PCA para com o aluno.

Por fim, ao serem questionados sobre a possibilidade de abordar e aplicar uma vivência de PCA em ambientes extraescolares, 8 dos 9 professores acreditam ser possível, como fica evidenciado na fala de João, que diz que experiências como essa fazem com que os alunos sejam inseridos em novos espaços e orientações. Todavia, eles também mencionam a necessidade de haver um bom planejamento estratégico, em conjunto com a equipe escolar. Tal afirmativa vai de encontro com a literatura, quando Venâncio e Darido apontam que para tais planejamentos todos da equipe pedagógica escolar precisam se sentir motivados e corresponsáveis pelas ações desenvolvidas no entorno escolar (2012). Krug *et al* também ressaltam que é indispensável os olhares da equipe diretiva para com as práticas pedagógicas dos professores de EF no intuito de perceber as dificuldades deles a fim de corroborar uma melhoria significativa da qualidade desse componente curricular (2018).

11. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse trabalho teve como objetivo compreender e analisar como as visitas ao PAV podem influenciar e impactar as relações de ensino-aprendizagem das PCA nas escolas da Grande Vitória. A partir desse propósito, buscou-se não só refletir sobre as potencialidades pedagógicas desse tipo de experiência, como também compreender como os professores percebem e utilizam o espaço do PAV em sua prática educativa.

Com base nas respostas obtidas foi possível identificar pontos relevantes para o debate sobre o ensino das PCA. Os resultados indicam que, embora os desafios enfrentados pelos docentes no que diz respeito ao ensino dessas práticas sejam semelhantes — como a falta de estrutura e materiais específicos nas escolas, a formação específica insuficiente e também a ausência de espaços adequados para a prática —, a visita ao PAV tem sido percebida como uma estratégia pedagógica significativa e enriquecedora.

Houve um bom engajamento em relação à parceria entre os professores e a universidade, pois possibilitou uma relação direta com a realidade vivida nas escolas. Temos

como exemplo a escola que veio de Afonso Cláudio, município que fica localizado no interior do estado a fim de proporcionar uma vivência diferente do cotidiano escolar.

Alguns dos professores relataram que as atividades desenvolvidas no Parque servem como uma culminância das unidades didáticas sobre as PCA trabalhadas nas aulas de EF. Esse aspecto foi apontado como algo extremamente positivo, pois permitiu aos alunos vivenciarem, na prática, aquilo que foi discutido teoricamente em sala. A experiência no Parque parece ter sido significativa pois, ao envolver atividades relacionadas ao arvorismo, a tirolesa e a escalada, proporcionou desafios que exigem não apenas habilidades físicas, mas também cooperação, superação do medo, confiança e tomada de decisões — aspectos fundamentais das PCA.

Ao longo da realização desta pesquisa, minhas concepções enquanto um futuro professor de EF foram sendo transformadas. Inicialmente, trazia comigo algumas ideias mais limitadas sobre o trato pedagógico e o ensino das PCAs na escola. Entretanto, esse contato direto com professores já atuantes, pode fomentar um diálogo e uma escuta atenta às suas experiências, o que ampliou um olhar para a riqueza e a complexidade do trabalho docente.

Essa troca de saberes foi fundamental para que eu compreendesse que a EF escolar vai além do ensino de técnicas ou do simples desenvolvimento motor; ela envolve sensibilidade, criatividade e diálogo constante com a realidade dos estudantes. Em muitas falas dos professores percebi desafios semelhantes aos que imagino enfrentar futuramente, mas também estratégias e caminhos possíveis para superá-los.

Além disso, a inserção de experiências concretas no ensino dessas práticas corporais contribui para (re)aproximar os estudantes a realidades e experiências que muitas vezes lhes são negadas por limitações socioeconômicas ou pela falta desse conteúdo no currículo escolar de forma efetiva. Dessa maneira, o PAv cumpre um papel social e pedagógico ao oferecer, de forma segura, estruturada e gratuita, um ambiente propício à vivência.

Cabe destacar ainda que, para os professores, o projeto do Parque de Aventura representa mais do que uma simples visita: ele se configura como uma oportunidade de renovação pedagógica, um espaço de ampliação das possibilidades de atuação docente, bem como uma forma de sensibilizar os estudantes com relação a importância das PCA no contexto escolar. A partir dessas vivências, os alunos podem desenvolver uma relação mais consciente com o próprio corpo, com o outro e com o meio ao qual estão inseridos, valores que dialogam diretamente com os princípios de uma EF crítica e emancipadora.

Embora seja um projeto inovador e que já demonstra tamanha importância e impacto em seus visitantes, é necessário que haja uma atenção e investimento com relação às

manutenções técnicas e a garantia de bolsas para os alunos que fazem parte do projeto de extensão. Pois para que o PAv atenda às escolas de forma satisfatória e segura é importante que a UFES garanta a manutenção do equipamento e de bolsas para os monitores.

Portanto, os dados analisados permitem afirmar que as visitas ao PAv podem se configurar como uma estratégia potencializadora do ensino das PCA, promovendo não apenas o engajamento dos estudantes durante a atividade, como também a valorização de conteúdos que muitas vezes são negligenciados e inviabilizados nas escolas. Ainda que não resolva, por si só, os inúmeros desafios enfrentados no cotidiano das aulas de EF escolar, o projeto representa um avanço no sentido de tornar o ensino mais significativo, vivencial e conectado correlacionando com a realidade dos alunos.

Nesse sentido, considero que esta pesquisa não apenas contribuiu para a reflexão acadêmica sobre o tema, mas também impactou profundamente minha formação pessoal e profissional. Sinto-me mais preparado, mais aberto ao diálogo e consciente de que o trabalho docente se constrói de forma coletiva, na troca com colegas, com a comunidade escolar e, principalmente, com os alunos.

Como sugestão para futuras ações, destaca-se a importância de ampliar a divulgação do projeto, incentivar parcerias tanto com as escolas públicas e privadas, bem como investir na formação tanto inicial como continuada de professores para que possam explorar melhor o potencial pedagógico das PCA. Além disso, investigações futuras poderiam explorar a perspectiva dos próprios estudantes sobre a experiência no Parque, a fim de enriquecer ainda mais o entendimento sobre os impactos dessa proposta no processo de ensino-aprendizagem.

12. REFERÊNCIAS

ARMBRUST, Igor; DOS SANTOS SILVA, Sheila Aparecida Pereira. Pluralidade cultural: Os esportes radicais na Educação Física escolar. **Movimento**, v. 18, n. 1, p. 281-300, 2012.

BETRÁN, Javier Olivera. La crisis de la modernidad y el advenimiento de la posmodernidad: el deporte y las prácticas físicas alternativas en el tiempo de ocio activo. **Apunts. Educació Física i Esports**, v. 3, n. 41, p. 10-29, 1995.

BETRÁN, J. O.; BETRÁN, A. O. Proposta pedagógica para as atividades físicas de aventura na natureza (Afan) na educação física do ensino médio. In: MARINHO, A.; BRUHNS, H. T. (Org.). **Viagens, lazer e esporte: o espaço da natureza**. Barueri: Manole, 2006. p. 180-210

BETRÁN, Javier Olivera; BETRÁN, Albert Olivera. Las actividades físicas de aventura en la naturaleza (AFAN): revisión de la taxonomía (1995-2015) y tablas de clasificación e

identificación de las prácticas. **Apunts Educación Física y Deportes**, v. 32, n. 124, p. 71-88, 2016.

BENDINELLI, Patrícia Vidigal et al. A FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES PARA O TRABALHO EM ESPAÇOS DE EDUCAÇÃO NÃO-FORMAL. **Revista Eletrônica Debates em Educação Científica e Tecnológica**, v. 11, n. 01, 2021.

BRASIL. **Ministério da Educação**. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília: MEC, 2018.

BRASIL. [Constituição (1988)]. Constituição da República Federativa do Brasil de 1988.

CASTILLO-RETAMAL, Franklin; CORDERO-TAPIA, Fernanda. **El tercer maestro: el espacio natural como catalizador para una educación ambiental efectiva**. *Revista Saberes Educativos*, n. 4, p. 48-62, 2020.

CORPORAIS, PRÁTICAS. 4 Lutas, Capoeira e Práticas Corporais de Aventura. 2014

DARIDO, Suraya Cristina. Educação física na escola: conteúdos, suas dimensões e significados. **UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA. Prograd. Caderno de formação: formação de professores didática geral**. São Paulo: Cultura Acadêmica, v. 16, p. 51-75, 2012.

FRANCO, Laercio Claro Pereira. **Atividades físicas de aventura na escola: uma proposta nas três dimensões do conteúdo**. 2008.

FERREIRA, Jéssica Karina Silva; DA COSTA SILVA, Paula Cristina. Práticas corporais de aventura na natureza na educação infantil: um relato de experiência. **Caderno de Educação Física e Esporte**, v. 18, n. 3, p. 157-164, 2020.

DE FRANÇA, Dilvano Leder et al. As práticas corporais de aventura nas aulas de Educação Física escolar: uma revisão de escopo. **Educação: Teoria e Prática**, v. 33, n. 66, p. e33 [2023]-e33 [2023], 2023.

INÁCIO, HLD et al. Práticas corporais de aventura [na natureza] na educação física escolar: uma experiência em escolas da rede municipal de Goiânia. In: **Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte**. 2015.

INÁCIO, Humberto Luís de Deus; CAUPER, D. A. C.; SILVA, L. A. P.; MORAIS, G. G. Práticas corporais de aventura na escola: possibilidades e desafios - reflexões para além da Base Nacional Comum Curricular. In.: **Motrivivência**. Florianópolis, v. 28, n. 48, p. 168-187, set. 2016.

JACOBI, Pedro et al. Educação ambiental e cidadania. **Educação, meio ambiente e cidadania**. São Paulo: SMA/CEAM, p. 11-14, 1998.

KRUG, Hugo Norberto; KRUG, Marília de Rosso; KRUG, Rodrigo de Rosso; TELLES, Cassiano. AS DIFICULDADES NA PRÁTICA PEDAGÓGICA DE PROFESSORES DE EDUCAÇÃO FÍSICA NA EDUCAÇÃO BÁSICA NA PERCEPÇÃO DA GESTÃO ESCOLAR. **e-Mosaicos**, Rio de Janeiro, v. 7, n. 14, p. 121-136, 2018. DOI:

10.12957/e-mosaicos.2018.31052. Disponível em:
<https://www.e-publicacoes.uerj.br/e-mosaicos/article/view/31052>.

MARINHO, Alcyane; DE DEUS INÁCIO, Humberto Luís. Educação Física, meio ambiente e aventura: um percurso por vias instigantes. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 28, n. 3, 2007.

PAIXÃO, J. A. Esporte de aventura como conteúdo possível nas aulas de educação física escolar. **Motrivivência** v. 29, n. 50, p. 170-182, maio/2017. Acesso em: 15 Out. 2023.

PARASURAMAN, A. **Marketing research**. 2. ed. Addison Wesley Publishing Company, 1991

PAVANI, E. C. R. **Aulas de campo na perspectiva histórico-crítica: contribuições para os espaços de educação não formal**. 2013. 110 f. Dissertação (Mestrado em Educação em Ciências e Matemática) – Programa de Pós-Graduação em Ciências e Matemática, IFES, Vitória, 2013.

PIMENTEL, Giuliano Gomes de Assis. Esportes na natureza e atividades de aventura: uma terminologia aporética. **Revista brasileira de ciências do esporte**, v. 35, p. 687-700, 2013.

Pedrassoli, Julio; Hirye, Mayumi; Cansado, Julia; Melo, Breno Malheiros de; Rodrigues, Edmilson; Justiniano, Eduardo; Shimbo, Julia, 2024, "**Nota Técnica Uso e Ocupação do Solo nas Escolas de Educação Infantil e Ensino Fundamental das Capitais Brasileiras**"

RAUPP, Fabiano Maury; BEUREN, Ilse Maria. Metodologia da pesquisa aplicável às ciências. Como elaborar trabalhos monográficos em contabilidade: teoria e prática. São Paulo: Atlas, p. 76-97, 2006.

SERRANO, J. L. A diferença risco/perigo. **Novos estudos Jurídicos**, Itajaí, v.14, n 2, p. 233-250, 2009

SEVERINO, Antonio Joaquim; PEREIRA, Dimitri Wuo; DOS SANTOS, Vinicius Feitoza Sampaio. Aventura e educação na base nacional comum. **EccoS–Revista Científica**, n. 41, p. 107-125, 2016.

SPIKE, M, J, P. Trópicos do Discurso sobre o risco. risco-aventura como metáfora na modernidade tardia. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, V 17, n 6, p. 1277-1311, 2001.

SPINK, Mary Jane. **Suor, Arranhões e Diamantes**: as contradições do risco na modernidade reflexiva. <http://www.ensp.fiocruz.br/projetos/esterisco/index.htm>, 2002.

SPINK, Mary Jane; GALINDO, Dolores; CANAS, Antonio; SOUZA, Daniella. Onde está o risco? Os seguros no contexto do turismo de aventura. **Psicologia & Sociedade**, vol. 16, n. 2, p. 81-89, 2004.

SILVA, Paula Cristina da Costa; MARCELOS, Lara Júlia Rodrigues. Os profissionais de atividades físicas de aventura na natureza no cenário Capixaba. **Licere (Online)**, p. 579-611, 2021.

SILVA, Bruno Allan Teixeira et al. Atividades de aventura na licenciatura em educação física: um relato de experiência. **Cadernos de formação RCBE**, [S. l.], v. 7, n. 1, p. 69-80, 2016. Disponível em: <http://revista.cbce.org.br/index.php/cadernos/article/view/2207/1199>.

TAHARA, Alexander Klein; CARNICELLI FILHO, Sandro. Atividades físicas de aventura na natureza (AFAN) e academias de ginástica: motivos de aderência e benefícios advindos da prática. **Movimento**, v. 15, n. 3, p. 187-208, 2009.

TEIXEIRA, Bruna Brandão. **Práticas corporais de aventura na natureza: possibilidades de vivências e conscientização ambiental na escola e na cidade de Pirenópolis-GO**. 2023.

THOMAS, Jerry; NELSON, Jack; SILVERMAN, Stephen. **Métodos de pesquisa em atividade física**. 6 ed. Porto Alegre: Artmed, 2012.

VIVEIRO, A. A.; DINIZ, R. E. S. Atividades de campo no ensino das Ciências e na educação ambiental: refletindo sobre as potencialidades desta estratégia. **Ciência em Tela**, v. 2, n. 1, p. 1-12, 2009. Disponível em: <http://www.cienciaemtela.nutes.ufrj.br/artigos/0109viveiro.pdf>.

VENÂNCIO, Luciana; DARIDO, Suraya Cristina. A educação física escolar e o projeto político pedagógico: um processo de construção coletiva a partir da pesquisa-ação. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, v. 26, p. 97-109, 2012.

13. APÊNDICE

Apêndice A - Roteiro estruturado para o questionário do *Google Docs*.

Perguntas do Questionário

1. TERMO DE CIÊNCIA EM RELAÇÃO A PARTICIPAÇÃO DA PESQUISA.
2. Qual o gênero que a pessoa se identifica?
3. Qual a sua idade?
4. Qual instituição se formou em educação física?
5. Qual local (escola) trabalha? e qual os níveis de ensino?
6. Durante a sua graduação, você teve alguma disciplina ou experiência com as práticas corporais de aventura? se sim, quais?
7. Na escola em que você atua há muitos materiais para a aula de edf? quais?
8. Quais os conteúdos que você costuma aplicar durante as aulas de edf?
9. Já havia trabalhado o conteúdo de práticas corporais de aventura antes da vinda ao pav?
10. Se já trabalhou, quais foram as dificuldades e limitações?
11. Se sente preparado para aplicar a temática, acha que teve formação para isso? por quê?"
12. Considera que a falta de estrutura física dificulta a vivência de pca na escola? explique porque
13. Na escola em que trabalha, ou ao redor dela (praças, parques, etc), tem espaço para trabalhar com alguma atividade de aventura? e quais?
14. Por que você quis trazer seus alunos para o pav?
15. Aplicou a vinda no parque como estratégia pedagógica para trabalhar às pca? como?
16. Como/descreva o que você considera que foi a vivência no pav para seus alunos
17. Acredita que seja possível trabalhar com as pca em ambiente extraescolar? como praças, bosques, praias, pistas de skate...